

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Amanda Miranda Garcia

SIGMUND FREUD E RUBEM ALVES – DUAS PERSPECTIVAS SOBRE A RELIGIÃO.

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Frederico Pieper Pires.

Juiz de Fora
2017

**DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E
AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO**

Eu, **Amanda Miranda Garcia**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201573008A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **SIGMUND FREUD E RUBEM ALVES – DUAS PERSPECTIVAS SOBRE A RELIGIÃO**, desenvolvido durante o período de 19/09/2017 a 27/11/2017 sob a orientação de Frederico Pieper Pires, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Amanda Miranda Garcia

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

SIGMUND FREUD E RUBEM ALVES – DUAS PERSPECTIVAS SOBRE A RELIGIÃO.

Amanda Miranda Garcia¹

RESUMO

O trabalho apresenta, em seu primeiro momento, a teoria de Freud sobre a religião com foco na obra “O Futuro de uma Ilusão” (1927), na qual o complexo de Édipo seria a principal justificativa para existência e manutenção da mesma no decorrer dos séculos. Em seguida, abordaremos a perspectiva de Rubem Alves em “O enigma da religião” (1984), na qual o autor constrói sua teoria a partir do conceito de imaginação. O objetivo do artigo é apontar as proximidades e distanciamentos das duas perspectivas, buscando salientar que apesar da teoria freudiana ser bem embasada e possuir grande valor para a compreensão do apego religioso, de certa forma ela não capta aspectos importantes da religião. Em contrapartida, a teoria apresentada pela obra de Rubem Alves considera a abordagem crítica de Freud, mas lança outro olhar sobre a religiosidade.

PALAVRAS-CHAVE: Freud, religião, ilusão, Rubem Alves, imaginação, ideal.

1. INTRODUÇÃO

Sigmund Freud, apesar de deixar claro seu ateísmo, debruçou anos de estudos sobre a experiência religiosa a partir da psicanálise, inspirado na ideologia cientificista. Sua análise da religião é realizada com base no que nomeou como metapsicologia, termo que designa os aspectos teóricos da psicanálise. Vale ressaltar que por este motivo, Freud apresenta uma perspectiva que não considera aspectos como a transcendência e a espiritualidade do homem, pensando então a experiência religiosa como algo que pode ser justificado e entendido ao nível de uma realidade psíquica. É então, a partir do método analítico, que ele busca captar os significados inconscientes dos rituais religiosos, das crenças e da origem da religião.

O pai da psicanálise, mesmo demonstrando grande ousadia ao realizar uma série de críticas à religião, principalmente em uma época que a mesma possuía grande influência, não deixou de transparecer o receio de ser mal interpretado em suas colocações. E, para além disso, uma preocupação de que relacionassem a psicanálise com o seu ateísmo, e que consequentemente os religiosos a descartassem, como se ela fosse uma espécie de instrumento de heresia. Em uma carta ao seu amigo pastor Oskar Pfister, Freud argumenta em defesa da psicanálise com as seguintes palavras:

A psicanálise em si não é nem religiosa nem anti-religiosa, mas um instrumento apartidário do qual tanto o religioso como o laico poderão servir-se, desde que aconteça tão somente a serviço da libertação dos sofredores (FREUD, 1998, p. 25).

Desta forma, Freud busca evidenciar que a psicanálise não tem relação com o seu ateísmo, e que ele utilizara essa ferramenta para apontar e estudar uma perspectiva, mas que a psicanálise não se resume apenas ao seu estudo. Seu pensamento é construído a partir de um discurso dialético, não se tratando de um conhecimento estático e fechado a uma única interpretação, mas que está aberto a discussões, refutações e novas contribuições, o que é de grande relevância quando se trata de um assunto tão complexo como a religião.

Rubem Alves, escritor renomado de nossa atualidade, abordou em seus livros assuntos relacionados a psicanálise, religião, educação, etc. O autor em “O enigma da religião” traz de forma muito sensível a temática religiosa. Ao invés de trabalhá-la como um objeto, analisando suas formas institucionalizadas, o escritor foi além, buscando desvendar a essência da religião, e questionando teorias de grandes pensadores, como Freud. Um dos motivos para a escolha destes dois autores, foi justamente o contraste na forma de abordagem.

Serão apresentados alguns posicionamentos de Freud sobre a religião com o enfoque em sua obra “O Futuro de uma Ilusão” (1927), e logo após abordaremos as ideias de Rubem Alves no capítulo II do livro “O enigma da religião” (1984). O objetivo é comparar tais perspectivas e discutir o que está além dos pensamentos racionais de Freud sobre a religião, buscando entender as outras qualidades excepcionais que ela possui.

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: amandamirandajf@hotmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Frederico Pieper Pires.

Faremos uma síntese das teorias dos dois autores, e principalmente, traremos os argumentos abordado na obra de Rubem Alves para rebater as ideias de Freud, a fim de responder se a religiosidade, ao invés de ser simplesmente acusada como uma causa de neuroses que precisa ser superada, poderia possuir aspectos positivos importantes para a vida do humano.

2. DESENVOLVIMENTO EM TRÊS TEMPOS

2.1 Freud e as problemáticas da ilusão religiosa

O tema religião está presente em várias obras do psicanalista, demonstrando seu enorme interesse acerca do assunto. Alguns dos livros que tocam na temática religiosa são: Totem e Tabu (1913-1914); O futuro de uma ilusão (1927); O mal-estar na civilização (1929); A questão de uma Weltanschauung (1933); Moisés e o Monoteísmo (1937); etc. O estudo que daremos maior enfoque se trata da obra que Freud menos se orgulhava, por considerá-la rasa, chegando a caracterizá-la como "pueril" e analiticamente fraca (GAY, 1989). Apesar disto, acreditamos que ela possui uma perspectiva peculiar sobre a religião. Para construirmos nosso raciocínio, inicialmente teremos que adentrar nos pensamentos do psicanalista na obra "Mal-estar na civilização", pois facilitará o entendimento da teoria abordada em "O futuro de uma ilusão", já que o fenômeno da civilização está intimamente ligado com a criação das ideias religiosas.

A civilização para Freud é o que distingue os seres humanos dos animais. Ela proporciona proteção contra a natureza, e além disso, ajusta os relacionamentos sociais.

Mais uma vez, portanto, nos contentaremos em dizer que a palavra 'civilização' descreve a soma integral das realizações e regulamentos que distinguem nossas vidas das de nossos antepassados animais, e que servem a dois intuítos, a saber: o de proteger os homens contra a natureza e o de ajustar os seus relacionamentos mútuos (FREUD, s/d, p.17).

Uma das características desse fenômeno é a ordem, que estabelece regulamentos que decidem como, onde e quando algo será efetuado, poupando um gasto desnecessários das nossas forças psíquicas e capacitando o homem a utilizar o tempo e espaço da melhor forma possível ao seu benefício. Se não houvessem regulações, o que comandaria os relacionamentos humanos seriam os temíveis desejos individuais. Dessa forma, o homem que possuísse maior força física imporá suas vontades a todos os outros. Levando em conta que os seres humanos possuem tendências antissociais, destrutivas e agressivas, esse controle é essencial para tornar possível uma vida comunal.

Com a civilização, o poder que estava concentrado no indivíduo passa para as mãos de uma maioria mais forte, a comunidade. Ela, garantirá o "direito" em oposição ao poder individual e à força bruta. Sendo assim, o sujeito aceita abrir mão da satisfação descontrolada dos seus instintos em prol de um bem comum. Ao criar um estatuto legal que não pode ser sobrepujado pelos indivíduos, a civilização promove justiça, garantindo maior segurança aos membros da comunidade.

Para controlar o estado de natureza, são utilizados métodos de coerção. A renúncia aos instintos pelos homens ocorre baseada no receio de uma retaliação vinda da autoridade externa. Além disso, também existe uma autoridade interna, que renuncia o instinto pelo medo de punições da própria consciência. Quando um instinto se reprime, os elementos libidinais do mesmo se convertem em sintomas e os componentes agressivos desencadeiam sentimento de culpa, e conseqüentemente um mal-estar na civilização. O homem abdica então de sua felicidade para se sentir um pouco mais seguro diante dos perigos da vida.

Se a civilização impõe sacrifícios tão grandes, não apenas à sexualidade do homem, mas também à sua agressividade, podemos compreender melhor porque lhe é difícil ser feliz nessa civilização. Na realidade, o homem primitivo se achava em situação melhor, sem conhecer restrições de instinto. Em contrapartida, suas perspectivas de desfrutar dessa felicidade, por qualquer período de tempo, eram muito tênues. O homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança (FREUD, s/d p.31).

Tal posicionamento causa conflitos entre a necessidade servir a esta autoridade e o impulso de satisfazer os instintos. E por gerar tais insatisfações, a civilização se encontra em risco permanente de desintegração.

Passando para obra "O futuro de uma ilusão", o autor retoma a ideia de civilização, destacando a insatisfação do indivíduo frente a ela. Especialmente um dos tópicos que Freud aborda, é a posição dos oprimidos diante das exigências sociais. Por pertencerem a uma classe que é explorada pelo trabalho e por não

receberem recompensas para uma vivência digna, a hostilidade desse grupo em relação a civilização é ainda maior, desejando muitas vezes a destruição da cultura e de seus postulados. Dessa forma, torna-se clara a dificuldade em convencer essas pessoas a renunciarem aos seus instintos através de argumentos que visam o bem comum, tendo em vista que são pessoas “esquecidas” pela sociedade.

Para solucionar o sentimento de hostilidade dos homens com a civilização, a sociedade possui alguns instrumentos. Um deles é arte, que no caso, as massas não possuem acesso. Ela oferece satisfações que amenizam os sentimentos gerados pelas renúncias instintuais, promovendo sentimentos de identificação, partilha de experiências emocionais, etc. Mas, existe outro instrumento que atende a todas as classes visando o mesmo objetivo, que são as ideias religiosas, ou ilusões.

Essas ideias surgem com o objetivo de consolar o homem diante dos temores do universo e oferecer as respostas dos enigmas da vida. Sua origem, se dá na busca do homem pelo controle da natureza, visando o fim do desamparo que ela lhe causa. Ao entrar em relação com a natureza, o homem busca humanizá-la com o objetivo de exercer um poder sobre ela, e finalmente, dominá-la.

Contudo, se nos elementos se enfurecem paixões da mesma forma que em nossas próprias almas; se a própria morte não for algo espontâneo, mas o ato violento de uma Vontade Maligna, se tudo na natureza forem Seres à nossa volta, do mesmo tipo que conhecemos em nossa própria sociedade, então poderemos respirar livremente, sentir-nos em casa no sobrenatural e lidar com nossa insensata ansiedade através de meios psíquicos. Talvez ainda nos achemos indefesos, mas não mais desamparadamente paralisados; pelo menos, podemos reagir. Talvez, na verdade, sequer nos achemos indefesos. Contra esses violentos super-homens externos podemos aplicar os mesmos métodos que empregamos em nossa própria sociedade: podemos tentar conjurá-los, apaziguá-los, suborná-los e, influenciando-os assim, despojá-los de uma parte de seu poder (FREUD, 2006, p. 25, p.26).

Tal forma de perceber e se relacionar com a natureza causa alívio ao homem e uma espécie de segurança, um caminho em meio ao caos e às incertezas. Criam-se, portanto, deuses com grande poder civilizatório, que vigiam os preceitos da civilização baseados na moralidade. Dessa forma, tais preceitos ganham caráter divino, aumentando ainda mais o seu poder e influência dentro da sociedade.

Possuindo o mesmo objetivo de proteção contra as forças da natureza, as ideias religiosas vão além da civilização, buscando superar algumas de suas deficiências, que muitas vezes geram mal-estar aos homens. A partir dessas ideias, algumas questões existenciais se tornaram mais toleráveis. A morte por exemplo, não significa mais o fim, e sim o início de uma vida eterna. Ao pregar que todo bem será recompensado, mesmo que seja posterior a morte, a religião traz esperanças principalmente aos menos favorecidos. E a crença de que todo mal será punido, fortalece as repressões impostas pela civilização.

Foi assim que se criou um cabedal de ideias, nascido da necessidade que tem o homem de tornar tolerável seu desamparo, e construído com o material das lembranças do desamparo de sua própria infância e da infância da raça humana (FREUD, 2006, p. 27).

Após abordar essa sensação de desamparo do homem em relação à natureza, Freud aponta que esse sentimento infantil é familiar a todos nós. E desta forma, ele introduz sua teoria da religião. Segundo ele, o homem não apenas personifica a natureza, mas lhe garante um caráter paterno ao construir uma imagem de Deus. Isso ocorre porque na infância, a criança vivencia o desamparo e a necessidade de proteção, que poderia ser suprida pelo pai. A relação entre eles é ambivalente: ao mesmo tempo que a criança teme a figura paterna ela anseia e desenvolve pelo pai grande admiração. Baseado nesse sentimento, o homem adulto ao perceber que enfrentará sozinho as dores e desafios que a vida humana traz, empresta características desta figura às divindades, como forma de possuir proteção e amparo de um pai divino ao longo de sua existência. Segundo o autor, manter esse sentimento de idealização (transferido para Deus) na idade adulta é algo problemático, que ele chamará de ilusão.

Freud demonstra que esse sentimento ambivalente com o pai se expressa em diversas religiões monoteístas, na relação entre o homem e Deus. Na obra “Totem e Tabu” ele disserta sobre a psicogênese da religião, que se fundamenta no complexo paternal como consequência da morte do Pai Primitivo. Neste livro, o psicanalista utiliza o que foi chamado por ele de “mito científico” para explicar a origem deste sentimento com a figura paterna e a origem cultura. Faremos um breve parêntese para abordá-lo.

Baseado em estudos antropológicos, o psicanalista fala sobre a organização social de um povo primitivo que se estruturava a partir de uma figura totêmica, comumente retratada por um animal. O sistema, correspondia às instituições religiosas e sociais que eles não possuíam. Este povo, estava sujeito a algumas regras que lhes proibiam de matar e comer o totem, e de manter relações sexuais entre si, restrições

relacionadas com possíveis desejo dos homens daquela tribo. O animal totêmico estaria substituindo a figura paterna, e as duas restrições coincidem com os crimes do Édipo que seriam assassinar o pai e dormir com a mãe.

O pai primevo, era o líder daquele povo primitivo, sendo temido e invejado, possuía todas as fêmeas e ninguém poderia ameaçar o seu poder com o risco de expulsão. Os filhos que haviam sido expulsos por conta disso, se organizaram para matá-lo e o devoraram cru. Após a morte, esses homens começaram a se destruir para tentar ocupar o lugar do pai. Para tornar possível a vida em sociedade, foi estabelecida a lei do incesto e foi definido que ninguém ocuparia a posição do líder. O assassinato marcou aquele povo gerando grande sentimento de culpa, o que ocasionou na adoração do totem, e celebrações de sacrifício do mesmo, nas quais era remontado o episódio da morte do pai primevo. O animal totêmico foi se transformando ao longo do tempo até chegar ao Deus que conhecemos do monoteísmo judaico cristão.

Foram assim criadas características que daí por diante continuaram a ter uma influência determinante sobre a natureza da religião. A religião totêmica surgiu do sentimento filial de culpa, num esforço para mitigar esse sentimento e apaziguar o pai por uma obediência a ele que fora adiada. Todas as religiões posteriores são vistas como tentativas de solucionar o mesmo problema. Variam de acordo com o estágio de civilização em que surgiram e com os métodos que adotam; mas todas têm o mesmo fim em vista e constituem reações ao mesmo grande acontecimento com que a civilização começou e que, desde que ocorreu, não mais concedeu à humanidade um momento de descanso. (FREUD, 2006 p. 104).

Em o “Futuro de uma ilusão”, Freud aponta que com o amparo divino nossos conflitos internos são silenciados através de uma solução universalmente aceita, que busca nos consolar frente aos maiores temores e inseguranças da vida, traduzidos pelas seguintes promessas: Satisfação dos anseios do homem por conhecimento a partir de respostas aos grandes enigmas do universo; extensão da vida terrena onde os desejos serão realizados; e o estabelecimento de uma ordem moral que impõe proibições e restrições aos homens. Se o apego ao amparo se mantém, o homem continua na ilusão como forma de se sentir seguro e não confronta a realidade. Por isso, o psicanalista defende sua posição de que o homem deve abandonar a religião, para só assim, deixar de viver sob uma perspectiva infantil.

Mas abandoná-la não se trata de uma tarefa fácil. As ideias religiosas, se apoiam em ilusões que expressam os maiores desejos da humanidade. Logo, a força e persistência dessas ilusões se deve também a força que esses desejos possuem. Freud, temendo más interpretações, faz a distinção entre ilusão e delírio. A ideia delirante obrigatoriamente não possui relação com a realidade, já a ilusão não necessariamente a contrária, somente quando se apresenta carregada pelo excesso de desejo, o que pode tornar os homens totalmente cegos, levando-os a desprezar o fato de que as ideias que possuem provavelmente não têm relação com a realidade. Freud diferencia também ilusão de erro. A distinção ocorre justamente porque a ilusão é fundamentada nos desejos humanos.

A crença de Aristóteles de que os insetos se desenvolvem do esterco (crença a que as pessoas ignorantes ainda se apegam) era um erro; assim como a crença de uma geração anterior de médicos de que a *tabes dorsalis* constitui resultado de excessos sexuais. Seria incorreto chamar esses erros de ilusões. Por outro lado, foi uma ilusão de Colombo acreditar que descobriu um novo caminho marítimo para as Índias. O papel desempenhado por seu desejo nesse erro é bastante claro (FREUD, 2006, p.39).

As ilusões religiosas persistiram intocáveis há séculos por conta de alguns argumentos comuns utilizados pelos homens. O primeiro, seria que devemos crer nos ensinamentos religiosos pois até os povos mais primitivos creram (sendo um conhecimento muito antigo). Outro ponto, seria que ainda hoje esses ensinamentos resistem, sendo transmitidos de geração em geração. E por último, não se pode questionar sua veracidade. Quanto a esses argumentos, o psicanalista rebate dizendo que nossos antepassados acreditavam em coisas que hoje nos são absurdas, e que não haver possibilidade de questionamento sobre sua veracidade explícita o chão inseguro em que a religião se encontra.

O autor continua seu posicionamento ao defender que a verdade religiosa necessita de uma experiência interior, portanto não deveria ser exigido que os que não vivenciaram essa experiência tomem o testemunho dos outros como verdade. Ao contrário da fé religiosa, para se acreditar na ciência basta usar o recurso da racionalidade que é disponível a todos. E esse é um dos motivos pelo qual Freud defende a substituição da religião pelo conhecimento científico.

Devo ser obrigado a acreditar em todos os absurdos? E caso não, por que nesse em particular? Acima da razão não há tribunal a que apelar. Se a verdade das doutrinas religiosas depende de uma

experiência interior que dá testemunho dessa verdade, o que se deve fazer com as muitas pessoas que não dispõem dessa rara experiência? Pode-se exigir que todo homem utilize o dom da razão de que é possuidor, mas não se pode erigir, com base num motivo que existe apenas para poucos, uma obrigação que se aplique a todos. Se determinado homem obteve uma convicção inabalável a respeito da verdadeira realidade das doutrinas religiosas, a partir de um estado de êxtase que o comoveu profundamente, que significação isso tem para os outros? (FREUD,2006, p.37).

E, ainda:

Em outros assuntos, nenhuma pessoa sensata se comportaria tão irresponsavelmente ou se contentaria com fundamentos tão débeis para suas opiniões e para a posição que assume. É apenas nas coisas mais elevadas e sagradas que se permite fazê-lo. Na realidade, trata-se apenas de tentativas de fingir para nós mesmos ou para outras pessoas que ainda nos achamos firmemente ligados à religião, quando há muito tempo já nos apartamos dela. (FREUD,2006, p.41).

Apesar de reconhecer as limitações da ciência em relação aos benefícios que a religião propõe ao fiel, Freud busca nos convencer a optarmos por ela. Argumenta que defender uma ilusão religiosa com todas as forças é perigoso, pois se ela for desacreditada o mundo imaginário da pessoa desmoronaria, podendo causar uma perda de sentido em sua vida. O que não ocorreria com a ciência. Por se tratar de algo recente na época em que a obra foi escrita, muitos questionavam a confiabilidade do conhecimento científico. O psicanalista defende então, que mesmo que a ciência se tratasse de uma ilusão, ela poderia ser abandonada sem que causasse muitos danos ao indivíduo. Porém, ela já havia dado provas de não se tratar de uma ilusão, demonstrando potencial em oferecer conhecimento sobre a nossa realidade.

Freud não nega a importância da religião para a civilização, pois ela contribui ao domar os instintos, porém segundo ele, não consegue realizar isso de forma satisfatória. A humanidade continua infeliz, e não se reconciliou com a civilização. Além disso, o fato das leis da civilização serem associadas às leis divinas carrega algumas problemáticas. Por exemplo, se os homens simplesmente não matam por conta de uma proibição religiosa, ao perderem sua crença em Deus e o medo do castigo divino, nada mais os impediria de cometer tal crime. Então suas crenças não poderão ser abaladas, principalmente no caso das massas, deveremos mantê-las na ignorância, para que a civilização continue funcionando. Outra alternativa apontada por Freud para solucionar esta questão, seria a transformação do relacionamento entre a civilização e a religião.

A explicação racional para a lei que não permite matar, se baseia na lógica que todos se sentem inseguros, e essa proibição teria o intuito de assegurar proteção a todos. Aquele que cometer um homicídio, ignorando as leis, será castigado. Porém ao invés da população ser convencida por meio deste argumento racional, tal proibição recebe um caráter divino, como se fosse emitida por Deus. Assim, a lei se torna, de certa forma, sujeita a uma crença que pode se desfazer a qualquer momento.

Ao distinguir as regulamentações e os preceitos da civilização das exigências religiosas, as pessoas compreenderiam o motivo e a necessidade dessas restrições que lhes são severamente impostas, percebendo que elas existem somente para servir aos seus interesses e para tornar a vida em conjunto possível. Desta forma, certamente possuiriam uma atitude menos hostil em relação à civilização, dando um passo para sua reconciliação com ela. Com isto, ao invés de tentarem aboli-la, trabalhariam para sua melhoria e pelo cumprimento dos preceitos por todos da sociedade.

O psicanalista por fim, chega à conclusão de que a religião seria uma neurose obsessiva universal que deve ser superada, da mesma forma que a neurose originada na infância pelo complexo paternal. A superação da religião, dependerá então de um processo de crescimento e abandono de ideais infantis. Para livrar-se dessa neurose obsessiva, o homem deverá deixar de se conceber como o centro da criação, assumindo uma vida onde não terá auxílio de uma figura divina, e tendo a consciência de ser uma parte insignificante do universo, ao qual está sujeito. Como a criança que abandona a casa paterna em que possuía conforto e amparo, o homem necessita superar também essa condição frente ao universo. Não podendo viver sob uma perspectiva infantil para sempre, precisa crescer, e ser educado para a realidade.

Ao perceber que está entregue aos seus próprios recursos, o homem começará a desenvolvê-los cada vez mais. Através de seu esforço investigativo, os enigmas do universo aos poucos vão se revelando e o homem adquirirá mais poder. Em relação a imprevisibilidade do destino e da natureza, os seres humanos aprenderão a suportar este fato, assim que aceitarem que seus efeitos são inevitáveis.

De que lhes vale a miragem de amplos campos na Lua, cujas colheitas ainda ninguém viu? Como honestos arrendatários nesta Terra, aprenderão a cultivar seu terreno de tal modo que ele os sustente. Afastando suas expectativas em relação a um outro mundo e concentrando todas as energias liberadas em sua vida na Terra, provavelmente conseguirão alcançar um estado de coisas em que a vida se

tornará tolerável para todos e a civilização não mais será opressiva para ninguém (FREUD,2006, p.57,p.58).

Freud chega a admitir que seria muito melhor se houvesse de fato um Deus, uma ordem moral, a vida eterna, mas aponta que tudo isso é o que desejamos que exista, não se trata da nossa realidade. E finaliza:

Não, nossa ciência não é uma ilusão. Ilusão seria imaginar que aquilo que a ciência não nos pode dar, podemos conseguir em outro lugar (FREUD, 2006, p. 63).

2.2 O enigma da religião

Que poema será verdade? Que poema será reflexo especulativo fiel das coisas do nosso mundo? Poemas, invocações de ausências, funduras onde nadam os desejos: é aí que os corpos se preparam para as batalhas.

Da obra “O enigma da religião” (1984), focaremos no segundo capítulo, no qual o autor em vários momentos abordará ideias de grandes pensadores como Sigmund Freud, Émile Durkheim, Ludwig Feuerbach, etc. Algumas vezes, utilizará as ideias deles para reforçar seus argumentos, e outras vezes rebaterá os pontos defendidos por estes autores. Um pesquisador de seu trabalho, Anaxsuell Fernando da Silva aponta o que se pode esperar desta obra:

Noutra reflexão acerca do fenômeno religioso O enigma da Religião (1985), Alves incluiu uma série de testemunhos autobiográficos que iniciara (conscientemente ou não), estes constituem valiosa fonte de estudo porque são cruzamentos entre seu pensamento filosófico, teológico, sua biografia e história. Distó decorre que ele mesmo proponha esse gênero de confissões teológico-biográfico-histórica como um autêntico tour de force na busca de suas experiências e intuições. Dado que o texto faz alusão explícita à psicanálise, é possível inferir que estas primeiras confissões têm o caráter de auto-exame, de um aprofundamento interior muito próximo a essa forma de terapia (SILVA,2010,p.10).

Rubem Alves, inicia o capítulo II de seu livro (ALVES,1984, p.33), dizendo que durante algum tempo se pensou na aproximação do fim da religião. Os filósofos do século anterior, defendiam que a religiosidade era expressão da fase mais primitiva do homem, que deveria ser superada com seu desenvolvimento. Defendiam também, que com o novo deus, a ciência, os velhos deuses seriam descartados. Tais pensamentos se iniciaram no séc. XVI por conta do contexto da revolução científica, e assim, com o progresso da história e do conhecimento científico, a realidade foi perdendo suas explicações religiosas.

Mesmo com o homem retirando a religião do centro de suas tomadas de decisões, e com o avanço da ciência, a força religiosa prevalece nas diferentes classes sociais no mundo todo. Quando parecia ser o fim, surgiram novos deuses, novas religiões, explicitando uma resistência à ideia de que não possuíam lugar no mundo moderno. Mesmo que talvez a religião não mais se apresente de forma tão tradicional, deixando de lado alguns símbolos, vestes e rituais, a presença da religiosidade se mantém. E por isto, o objetivo do capítulo II do livro “O enigma da religião”, é discutir por que os homens, no decorrer dos séculos, se apagaram ao objeto religioso e qual a essência desse objeto.

Porque os homens fazem religião? Talvez nenhuma outra pergunta tenha tido tantas, tão variadas e tão contraditórias respostas. Revelação dos deuses, neurose obsessiva da humanidade, diário em que o homem escreve os seus mais altos pensamentos acerca de si mesmo, ópio do povo: há respostas para todos os gostos (ALVES, 1984, p.33).

Rubem Alves começa sua busca complexa por entender a religiosidade, ao compará-la a uma experiência estética. Em algum momento da vida, todos nós vivenciamos o sentimento que o belo é capaz de despertar. O autor apontará que ao ouvirmos uma sinfonia de Beethoven, podemos até decompor sua estrutura, e dissertar sobre suas características, mas não somos capazes de descrever a qualidade que gera efeitos em nossos sentidos. O mesmo ocorre com a experiência religiosa.

Palavras são adequadas para descrever objetos: pedras, árvores, montanhas. Mas a experiência estética não é um objeto. A experiência do belo não é a sinfonia de Beethoven, não é a balada dos Beatles, não é o quadro ou a cena da natureza (ALVES,1984, p.37).

“Mas, e o belo? Onde está? ” Ele não se encontra em nenhum ponto de sua análise científica. Como cientista o físico lida com objetos. Mas a experiência estética não é um objeto (ALVES, 1984, p.38).

O belo não é o objeto, e nem o sujeito, mas a relação de ambos, o que a arte causa no homem. O belo simplesmente se expressa, surge, quando a relação toca o emocional do sujeito a partir do que é despertado por

este encontro. As expressões dos fenômenos da religião também são frequentemente interpretadas como coisas, objetos. As religiões possuem instituições, mitos, ritos, linguagens, etc. Um material que pode ser descrito, analisado, assim como uma obra de arte. Mas, Rubem Alves aponta que quanto mais analisarmos sua estrutura de forma rigorosa, menos iremos captar sobre sua essência, já que ela não se encontra no objeto, mas, como no caso da experiência estética, se alcança na relação.

O belo não é nem uma propriedade do objeto e nem uma propriedade do sujeito. Ele vem a existir quando o sujeito é levado a vibrar, emocionalmente, em resposta ao objeto. Esta é a razão por que, frequentemente, aquilo que produz em uma pessoa uma experiência estética profunda e emocional me deixa totalmente frio. Falta-me a sensibilidade. E por isto, para todos os efeitos prático, é como se o belo não existisse para mim (ALVES, 1984, p.38).

Talvez por isso, teria sido difícil para alguns pensadores, como Freud, entenderem a experiência religiosa, pois poderiam não estar sensíveis a ela, ou seja, a relação com este objeto não lhes causava nenhuma sensação extraordinária, ou então, nunca estiveram dispostos a se relacionarem de fato com o objeto religioso. O psicanalista, usou a razão para trabalhar a religião, com teorias e interpretações, mas não conseguiu chegar até seu núcleo. Como o belo, a religião não pode ser totalmente explicada e decifrada por palavras, pois possui qualidades que fogem à descrição. Somente na relação com objeto, que se pode despertar para as propriedades da essência do mesmo, a partir dos sentimentos gerados por este encontro.

Outro fator que evidencia o problema de se tratar a religiosidade como objeto é que muitos estudos se focam nas formas institucionalizadas da religião, como se fossem análogos. Devemos ter em mente que as instituições apresentam tentativas de racionalizar a experiência do mistério. Portanto, não são fonte da religião, mas da sua racionalização. O que o estudioso poderá captar serão os componentes do objeto, da mesma forma que se capta ao estudar um quadro, ou uma música. Além disso, muitas vezes, as instituições estudadas podem não estar cumprindo sua função de proporcionar o encontro com o mistério. E, se a paixão subjetiva não estiver presente dentro da instituição não existe religião, mesmo que ajam liturgias, ritos, etc. Ou seja, nada poderá garantir que as instituições que estiverem sendo estudadas estarão sendo, de fato, instrumentos dessa paixão.

O autor prossegue seu pensamento em defesa da religião, conectando com a ideia que possui sobre a imaginação. Para Sigmund Freud, como visto anteriormente, o que distingue os homens dos animais é a civilização. Já para Rubem Alves, é a capacidade imaginativa que nos diferencia dos animais, que nunca produzirão arte, valores ou religião. Eles, se encontram presos aos fatos, experiências e às reações que estas desencadeiam, estando, portanto, fadados a aceitar a realidade a que estão sujeitos. Ao contrário dos homens que possuem uma vida exterior, de fatos e experiências, mas também uma vida interna, capaz de questionar e de se recusar a conformar-se com a realidade dada. O que move a existência humana é a imaginação. Dois trechos ilustram bem este momento da obra:

Por isto, não podem eles suspeitar que o possível seja maior que o real. Realidade e possibilidade se identificam. Ou mais precisamente, os limites do real denotam os limites do possível. Protótipos de realismo (ALVES, 1984, P.46).

Antes de mais nada é preciso reconhecer que a imaginação é a forma mais fundamental de operação da consciência humana. Os animais não têm imaginação (ALVES, 1984, p.42).

O primeiro trecho demonstra os limites da percepção de realidade dos animais, e o segundo deixa claro que a capacidade de imaginar é uma das características fundamentais que constituem o ser humano. É justamente por esta habilidade que o homem possui, ao se encontrar insatisfeito com a realidade dada, sabe que não precisa se limitar a ela, e por isso, expressa de várias formas diferentes suas idealizações. O ser humano é capaz de imaginar uma sociedade perfeita, com amor e valores, apesar de nunca ter vivenciado nada parecido. Isto é possível, pois ele transcende a realidade existente. A religião então, dentro deste pensamento, seria uma forma de imaginação e criação de um novo mundo que é idealizado, e que satisfaz os desejos existenciais dos homens. Ou seja, ao invés de se fixar na realidade cruel que nega os seus desejos, o ser humano opta por viver em um mundo de sonhos, desbravando um novo universo que se abre a partir dessa capacidade humana.

A imaginação só se torna compreensível se percebemos que ela se constrói a partir de uma suspeita de que é provável que os limites do possível sejam muito mais extensos que os limites do real. A imaginação é a consciência de uma ausência, a saudade daquilo que ainda não é, a declaração de amor pelas coisas que ainda não nasceram (ALVES, 1984, p.46, p.47).

Em resumo, o autor busca explicitar a necessidade do homem de criar mundos imaginários para viver, e que tal capacidade é um dos fatores fundamentais que o constitui. Rubem Alves, se apropria e concorda com

alguns posicionamentos de Freud, como a ideia de humanização da natureza trabalhada na obra “O futuro de uma ilusão”. Mas em geral, seus argumentos buscam ir além do que é defendido pelo psicanalista. Analisaremos em seguida alguns embates de ideias enquanto trabalhamos ainda mais algumas questões do posicionamento deste autor.

2.3 Aproximações e distanciamentos entre as teorias

Iniciaremos com a perspectiva de Freud sobre a imaginação. O psicanalista possuía a visão de que aquele que troca a realidade objetiva pelas suas fantasias é percebido como neurótico. Ele defende então, que tais fantasias sejam reprimidas, já que a imaginação nos faz viver sob um ideal infantil, prejudicando nossos sentidos e nos deixando cegos à realidade. Rubem Alves argumenta que ao invés de percebermos a imaginação como neurose, deveríamos concebê-la como algo que nos faz progredir e nos diferenciar dos animais. A imaginação é uma forma de tornar possível o que é impossível, e define nosso modo de agir perante o mundo. O autor prossegue seu posicionamento, ao defender que não existe uma mente pura e totalmente objetiva, considerando que a própria objetividade nasceu de processos imaginativos. Foi a imaginação que permitiu tantos avanços tecnológicos, a partir de ideias que foram testadas, refutadas, aprimoradas até que se chegasse a algumas conclusões acerca da realidade. Dessa forma, ele busca explicitar que a imaginação não se contrapõe ao conhecimento real. Ao invés de enxergarmos a religião como algo que se propõem a dar uma explicação científica ao mundo, deveríamos percebê-la como expressão do homem e sua relação com o universo. A religiosidade nada mais é que uma reação a realidade objetiva, reação esta que se apresenta a partir de outros instrumentos da vida do homem:

Mágica, brinquedo, arte, valores - são todos expressões da imaginação, são todos simbolizações do Eros. Surgem de uma mesma dinâmica emocional. São todas elas “suspiros da criatura oprimida” em busca de um mundo para ser amada. A religião é uma destas expressões. A mais ambiciosa, a mais universal (...)

Na mágica, no brinquedo, na arte, nos valores, a imaginação ainda se apresenta modesta, tolhida por um certo pudor frente a presença massiva do princípio da realidade. Sua busca por um mundo significativo contenta-se em expressar-se nos espaços acanhados e nas gretas que o princípio da realidade lhe permite, como áreas de sublimação. Na religião, entretanto, o ego lança fora sua modéstia. (ALVES, 1984, p.54, p.55).

Para o pai da psicanálise, o ato de imaginar é como uma função disfuncional que impede os homens de se ajustarem ao real. Para Rubem Alves, é justamente a imaginação e suas fantasias que movem e alimentam a vida do homem, não os fatos. Uma vida que se apega à religiosidade quer fazer prevalecer um mundo ideal. Os deuses e demônios não devem ser levados à literalidade e objetividade. São símbolos que traduzem a vida do homem, os seus anseios e medos

Sigmund defendia que nossa vivência é baseada no princípio da satisfação dos prazeres. Rubem Alves dirá que Deus talvez seja o prazer mais ansiado pela humanidade. Com sua existência, os homens realizariam o desejo de amar e de serem amados. Mas ele vai além, ao dizer que uma das limitações da teoria de Freud é que ele percebia a religião puramente como expressão dos nossos desejos, sendo que ela trata de muitas outras questões, como a culpa, o medo, o demoníaco, etc. Ou seja, o homem vai além da expressão dos seus desejos, ele exprime uma condição da sua própria existência.

Mas Freud, já havia concluído que a intenção de que o homem fosse feliz não estava incluída no plano da criação (FREUD, 1962, p.23), ou seja, a realidade não possui a obrigação de satisfazer os nossos anseios, o que faz com que nos sintamos negados e frustrados diante da realidade. Para solucionar este fato, o pai da psicanálise defende que nos ajustemos à realidade, compreendendo que nossos desejos estão condenados a fracassar, e que por isso, o mais sensato seria reprimi-los. O argumento de Rubem Alves que buscamos explicitar a partir das ideias deste estudo, é que ele defende que o ego continua se recusando a ser submetido aos fatos que está sujeito. E que por isso, a solução encontrada pelos homens foi a de criar um mundo ideal, onde seus anseios seriam finalmente saciados.

Ao final de sua obra, Rubem Alves ainda apresenta um contra-argumento a teoria de Marx, que defendia que a religião se originou nas injustiças da sociedade. O autor de “O enigma da religião” aponta que mesmo que as desigualdades e injustiças desaparecessem, a angústia e as contradições do homem permaneceriam, pois se devem a fatores muito mais profundos. Ele ainda compara que, em relação à teoria de Marx, Freud estaria mais próximo da realidade, pois percebeu que é dentro do próprio homem que se expressam

as contradições da existência. Porém, apesar da terapia poder ajudar o homem a compreender seu lugar de insignificância diante do universo, os conflitos dos seres humanos não iriam cessar.

E isto se deve ao fato de que a existência do homem está intimamente relacionada com a busca por um mundo de amor, mesmo sabendo que irá fracassar, e mesmo com a realidade se mostrando fria e dura, ele prossegue nesta busca, porque é ela que o move. Por isso a religião resiste a cada geração, simbolizando o amor e o medo, os deuses e demônios da existência humana.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos o trabalho abordando alguns posicionamentos de Sigmund Freud diante do objeto religioso, no qual ele deixa bem claro seu ceticismo. Isso, de certa forma pode ter atrapalhado sua percepção, ao ponto que como defendido neste trabalho, analisar a religião a partir de um olhar muito racional e teórico afasta o estudioso do entendimento das qualidades que realmente importam. Talvez, como apontado anteriormente, Freud não estava aberto a entender o lugar da imaginação na experiência humana. Sigmund, tão sensível a diversas questões, nos espanta ao recusar considerar a imaginação como uma habilidade fantástica e necessária ao homem. Logo o pai da psicanálise, que chegou a fazer um estudo dos sonhos, e foi afundo em várias outras questões da psique humanas. No caso desta temática, parece prevalecer seu posicionamento pessoal, o que o deixou de certa forma cego para perceber a qualidade excepcional do sentimento religioso

Rubem Alves por outro lado, no segundo capítulo de “O enigma da religião”, nos surpreende chegando mais próximo de decifrar essa experiência que nos foge o entendimento. Com uma perspectiva muito mais sensível e aberta à religiosidade, coloca a religião como fruto da imaginação, capacidade fundamental do homem, que nos distingue dos animais. Suas colocações foram muito bem trabalhadas e o autor se mostrou disposto a rebater grandes teorias de pensadores importantes.

Poderia ser realizado, em um trabalho futuro, a relação deste capítulo da obra de Rubem Alves com o filme A.I.: Inteligência Artificial (2001), de gênero ficção científica, dirigido por Steven Spielberg. Obra que teve origem em um projeto de Stanley Kubrick, baseado em um conto de Brian Aldiss nomeado *Supertoys Last All Summer Long*. Neste longa metragem, podemos perceber várias questões existenciais que ilustram a teoria de Rubem Alves. No filme, o protagonista é uma inteligência artificial superdesenvolvida que possui a aparência de um menino de 7 anos. Ele era capaz de ter emoções e foi programado para amar incondicionalmente os pais, porém, acaba sendo abandonado por ser acusado de apresentar risco ao filho legítimo do casal que o “adotou” como membro da família. David, o robô, acaba partindo então em busca de uma forma de realizar o seu maior desejo: ser um menino de verdade e desta forma, conquistar o amor de sua mãe. A relação do filme com a obra de Rubem Alves é que ele aborda como a imaginação move o robô em busca de tornar seu sonho possível, além de ilustrar o anseio por uma realidade onde exista amor. David, descobre que a fada azul do conto de Pinóquio, figura que pode ser considerada como correspondente a uma entidade religiosa, teoricamente poderia tornar possível esse sonho. Ele então se apegava a esta promessa sem questionar sua relação com a realidade, e é esta esperança que torna sua existência suportável.

Enfim, Freud se manteve em defesa da realidade, inspirado no cientificismo da época, deixando claro seu desejo de que o homem superasse a religião, pois somente assim, ele deixaria de viver sob uma perspectiva infantil, finalmente se reconciliando com a civilização. Enquanto Rubem Alves demonstrou um olhar compreensivo para com a humanidade, ao perceber que ela possui essa necessidade de criar mundos imaginários nos quais finalmente realiza seus desejos. Concluímos desta forma, nosso propósito de explicitar e colocar frente a frente duas teorias religiosas. A de Freud sob uma perspectiva racional, muito bem pensada e justificada, e a de Rubem Alves, que exala sensibilidade. Talvez a chave para esta discussão seja o equilíbrio. De fato, perder-se em um mundo de ilusões e fugas da realidade a todo momento pode ser problemático. Ao passo que viver totalmente imerso a realidade pode ser algo difícil de suportar.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem Azevedo. **O enigma da religião**. Campinas: Papyrus, v. 21, p.33-58, 1984.

FREUD, Ernst L.; MENG, Heinrich. **Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939)**: um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã. Tradução por WONDRAK, K. H. K ; JUNGE, D. Viçosa: Ultimato, 1998.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão o mal-estar na civilização e outros trabalhos**. Tradução José Octavio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago Editora. p.15-63, 2006.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. s/d, p.1-49. Disponível em: <[http://www.projetovemser.com.br/blog/wp-includes/downloads/Livro%20-%20O%20Mal-Estar%20na%20Civiliza%20E7%E3o%20\(Sigmund%20Freud\).pdf](http://www.projetovemser.com.br/blog/wp-includes/downloads/Livro%20-%20O%20Mal-Estar%20na%20Civiliza%20E7%E3o%20(Sigmund%20Freud).pdf)> Acesso em:25/11/2017.

FREUD, S. **Totem e tabu e outros trabalhos** (1913-1914). Traduzido por Orizon Carneiro Muniz. Rio de Janeiro: Imago, v.13, p. 104, 2016. Disponível em:<<http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-13-1913-1914.pdf>> Acesso em: 25/11/2017.

GAY, Peter. **Freud: uma vida para o nosso tempo**. Tradução de Denise Bottmann. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MACIEL, Karla Daniel de Sá Araújo; ROCHA, Zeferino de Jesus Barbosa. Dois discursos de Freud sobre a religião. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, Vol. VIII – Nº 3 – p. 729-754 – set/2008.

MACIEL, Karla Daniel de Sá Araújo; ROCHA, Zeferino de Jesus Barbosa. Freud e a religião: Possibilidades de novas leituras e construções teóricas. **Psicologia ciência e profissão**, Pernambuco, v.28, n.4, p.742-753, 2008.

MACIEL, Karla Daniel de Sá Araújo. **O percurso de Freud no estudo da religião: Contexto histórico e epistemológico, Discursos e Novas Possibilidades**. Dissertação (Mestrado em psicologia clínica) – Universidade católica de Pernambuco, Pernambuco, 2017.

MOREIRA, Claudia Maria Silva; PINTO, Jeferson Machado. Para além da ilusão: O real na crítica freudiana à religião. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 15, número especial, p.389-404, dez 2012.

ROCHA, Zeferino de Jesus Barbosa. O papel da ilusão na psicanálise freudiana. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 15 n. 2, p. 259-271, jul/dez 2012.

SILVA, Josenildo José; ROCHA, Zeferino de Jesus Barbosa. Análise do fenômeno religioso em Freud, a partir da obra *O futuro de uma ilusão*. **Teologia e ciências da religião**, Recife, v.5, n.1, p.179-199, dezembro/2015.

SILVA, Anaxsuell Fernando da. Rubem Alves, trajetória de gestos poéticos. In: IV Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográficas, 2010, São Paulo. **Espaço (auto) biográfico: artes de viver, conhecer e formar**. São Paulo: FEUSP, v.1, p.1-13, 2010.

SOUZA, André Rocha Lopes de. A pertinência do discurso freudiano sobre o fenômeno religioso. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v.11, n.2, p.102-118, jul-dez/2014.